
De peito rasgado e coração revelado: a correspondência poética de Camilo Castelo Branco e Maria da Felicidade do Couto Browne n’O Nacional em 1849

With a torn chest and a revealed heart: the poetic correspondence of Camilo Castelo Branco and Maria da Felicidade do Couto Browne in O Nacional in 1849

Andreia Alves Monteiro de Castro

Universidade do Estado do Rio de Janeiro/PLLB-RGPL

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2025.n53a1335>

RESUMO

O presente artigo tem como função levantar e analisar os poemas que compuseram a correspondência em verso travada, em 1849, entre os escritores Maria da Felicidade do Couto Browne e Camilo Castelo Branco nas páginas d’*O Nacional*. Algumas das peças desse diálogo estão presentes nas obras publicadas por ambos, surpreendentemente, outras ainda jaziam esquecidas nas páginas do importante periódico portuense. Nas proximidades das comemorações do bicentenário de Camilo, recuperar e analisar essa troca parece ser de total relevância não apenas devido ao seu valor documental e histórico, mas sobretudo pela sua importância para a compreensão da atmosfera cultural e artística que, certamente, influenciou a produção de um dos maiores nomes da Literatura Portuguesa. Essa também é uma possibilidade de retomar e dar visibilidade à obra de Maria Browne, incontornável para esse processo.

PALAVRAS-CHAVE: Camilo Castelo Branco; Maria Browne; poesia oitocentista; correspondência poética; periódicos.

ABSTRACT

The purpose of this article is to survey and analyze the poems that made up the verse correspondence conducted, in 1849, between the writers Maria da Felicidade do Couto Browne and Camilo Castelo Branco in the pages of *O Nacional*. Some of the pieces of this dialogue are present in the works published by both, surprisingly, others were still forgotten in the pages of the important Porto periodical. In the proximity of the commemorations of Camilo's bicentenary, recovering and analyzing this exchange seems to be of total relevance not only due to its documentary and historical value, but above all because of its importance for understanding the cultural and artistic atmosphere that certainly influenced the production of one of the biggest names in Portuguese Literature. This is also a possibility of resuming and giving visibility to Maria Browne's work, which is essential for this process.

KEYWORDS: Camilo Castelo Branco; Maria Browne; 19th century poetry; correspondence poetry; journals.

No prefácio da quinta edição de *Amor de perdição* (2020), um dos seus mais afamados romances, Camilo Castelo Branco parece, ainda que com certa ironia, expressar o desejo de “reaparecer na sociedade do século XXI” (Castelo Branco, 2020, p.16). Talvez o escritor oitocentista, de fato, se regozijasse em saber que a sua imagem de transgressor apaixonado, de eloquente defensor dos injustiçados e de profundo conhecedor dos tormentos enfrentados pelas almas indóceis e insubmissas, tão bem urdida e retrabalhada em sua vasta obra, ainda está em voga nas vésperas da comemoração de seu bicentenário.

Esse imaginário certamente foi consolidado e difundido não apenas pela existência atravessada por lances melodramáticos de Camilo, mas sobretudo pelas estratégias de autoficcionalização usualmente empregadas pelo escritor. Isso é evidente, por exemplo, nas narrativas sequencialmente publicadas após ele ter sido encarcerado na Cadeia da Relação do Porto por manter relações sexuais com uma mulher casada, a também escritora Ana Plácido. Obras como *O romance dum homem rico* (1861), *Amor de perdição* (1862) e *Memórias do*

cárcere (1862) certamente foram imprescindíveis para aquebrantar os maiores ímpetos da indignação contra o casal apaixonado. Para além das evidentes coincidências biográficas, as duas primeiras narrativas contam a história de jovens enamorados levados à desgraça por uma sociedade amesquinhada, hipócrita e injusta, parecendo questionar se aqueles que amam realmente merecem castigo; já a terceira, ao registrar as agruras vividas pelos criminosos que cumpriam pena na Cadeia da Relação, comprova que aquele não era definitivamente o lugar de Camilo e Ana Plácido, pois, diversamente de muitos dos seus vizinhos de cela, eles não haviam cometido qualquer ato de violência. Desde então, “o burguês ficava menos duro de opinião a respeito de Camilo. Era certo que ele levava ao cárcere por adultério uma senhora de posição; mas, que diabo! Tinha escrito... aquilo!” (Pimentel, 1899, p. 329).

No entanto, a urdidura da reputação de irresistível conquistador e de mártir do amor não se inicia exatamente com a prisão de Camilo e Ana Plácido. Ela já teria sido literariamente iniciada e reclamada pelo escritor décadas antes e em situação semelhante. No início do ano de 1849, Camilo teria encetado, nas páginas do prestigiado *O Nacional*, uma volumosa correspondência em versos com Maria da Felicidade Browne, esposa de um opulento negociante de vinhos. Os rumores de que a performance artística representava uma declaração pública de um relacionamento adulterino entre a quinquagenária anfitriã do primeiro salão literário que o Porto conheceu e um poeta, que, apesar da pouca idade, já havia abandonado a sua primeira esposa, Joaquina Pereira, e havia sido preso por conta do rapto da prima Patrícia Emília do Carmo Barros, com quem ele tinha uma filha¹, causou alvoroço.

¹ Situação registrada em *Memórias do cárcere*: “não estranhei o ar glacial e pestilento, nem as paredes pegajosas de humidade, nem as abóbadas profundas

Figura 1 - Camilo Castelo Branco e Ricardo Browne.



Fonte: Moutinho (2009, p. 137) e Cabral (1914, p. 71).

Figura 2 - Maria da Felicidade Browne.



Fonte: Cabral (1989, p. 99).

e esfumadas dos corredores, que me conduziram ao meu quarto. Em 1846 estive eu preso ali, desde nove até dezesseis de outubro [...]. No termo de sete dias deixei esta amorável companhia, e esqueci depressa o episódio dos meus vinte e dois anos. Quando, porém, contemplo uma filha que tenho, ainda me lembro dele. Hei de levá-la uma vez à cadeia, e dizer-lhe: ‘Tua mãe esteve naquele quarto’. Esta lição em silêncio, no limiar do mundo, há de aproveitar-lhe mais que a Introdução à Vida Devota, ou os exercícios espirituais das irmãs da caridade” (Castelo Branco, 2001, p. 1).

A situação acabou desagradando, sobremaneira, Ricardo Browne, o janota herdeiro da escritora, que chegou a trocar com o admirador da mãe sopapos, chicotadas e bengaladas em público. A contenda entre o escritor e o esgrimista defensor da honra materna culminou, anos depois, em um duelo ocorrido, na Afurada, do qual Camilo, em evidente desvantagem, saiu com a perna ferida e, sobretudo, a vaidade pungida a cutiladas. Anos mais tarde, em uma carta escrita a Tomás Ribeiro, o escritor fez troça do acontecido:

alegrou-me o desenlace da pendência do José C. Branco. Foi mais feliz do que eu. A primeira vez que me bati à espada com o agigantado Ricardo Browne fiquei ferido em uma perna. Depois do duelo, vi que ainda me ficavam 3 pernas ilesas. Meus saudosos 26 anos! ... (Castelo Branco, 1922, p. 88).

Contudo a troca poética que teve como desfecho essa passagem tragicômica tem origem em um verdadeiro drama passional. Jorge Artur, oriundo de uma família humilde e advogado recém-formado, apaixonou-se perdidamente pela abastada Maria Augusta do Outeiro. O pai da moça fez valer todas as suas prerrogativas para se contrapor àquela união. Sentindo na pele que a mobilidade social assegurada pela meritocracia era uma falácia, o rapaz humilhado e desiludido atirou-se da ponte pênsil que, naqueles idos, ligava as duas margens do Douro. Como relata Camilo, em *A mulher fatal* (1870), “Jorge Artur de Oliveira Pimentel só conhecia dois caminhos: o da igreja e o do suicídio. O da igreja atravancaram-lho porque era pobre. Encaminhou-se pelo outro” (Castelo Branco, 1902, p. 42-43). O jovem que deu cabo da vida para fugir de um amor infeliz se torna o herói póstumo dos poetas portuenses e tem seu trágico epílogo cantado por Maria Browne em um poema publicado no dia 24 de janeiro:

A morte do vate²

A morte, não! choro a vida
Do vate, que nos deixou!
Essa vida de amarguras,
Que nem amor lhe adoçou;
Essa vida de mistérios,
Que ninguém lhe adivinhou!

[...]

Viu seu futuro perdido!...
Futura esp'rança acabar!...
A fugir ao mundo ingrato,
Foi-se no Douro arrojar...
No Douro... que ufano dele,
Mais à terra o não quer dar!

[...]

Mas de noite, à fatal hora,
Magos sons se ouvem vibrar,
E sobre o novo Lêucade
Alvo cisne vem pairar!...
Ali canta... ali acusa!...
Perdoa... e torna a voar!

Sóror Dolores (Browne, *O Nacional*, 24 de janeiro de 1849, p. 03).

² Publicado pela autora em *Sóror Dolores* (1849) e em *Virações da Madrugada* (1854).

A autora, ao assumir o pseudônimo de Sórora Dolores, não apenas encobre a autoria do seu texto como também instaura uma persona poética, que, de certo modo, inscreve na tradição literária das escritoras religiosas. Essa inscrição, somada aos temas abordados, estabelece relações mais ou menos implícitas entre a imaginação do que seria a vida e a obra de Sórora Dolores e a imaginação do que teria sido a vida e obra da Sórora Mariana Alcoforado. Com isso, a solidão, o sentimento de repressão, a entrega total ao amor, o desespero da paixão e o desejo de, pela escrita, transpor todos os limites começaram a fazer parte das expectativas dos seus leitores.

Promessas que o poema “A Morte do Vate” começou a cumprir. Em seus versos, a voz poética, contrariando o senso comum, não lamenta a morte do vate, mas a vida que ele levou. A existência do rapaz teria sido tão amarga que a sua única alternativa era realmente “gozar no céu” aquilo que o “mundo ingrato” sempre lhe negou.

É interessante notar que o rio Douro é apresentado como o “novo Lêucade”, fazendo menção ao desesperado salto para a morte que, segundo Ovídio, a apaixonada Safo, poetisa de Lesbos, teria dado por conta do desprezo do barqueiro Faón. Além dessa aproximação, a figura do vate também é mitologicamente metamorfoseada em um cisne, que “à fatal hora”, vem pairar no Douro, e “Ali canta... ali acusa!... / Perdoa... e torna a voar!”. Pelos comentários que se seguem ao texto, Sórora Dolores parece ter causado sensação, e, como resposta, no dia 28 de fevereiro, foi publicado, no folhetim d’*O Nacional*, um longo poema dedicado a ela e enigmaticamente assinado por “Ninguém”:

No Prado do Repouso³

A Sórora Dolores

[...]

Mão oculta me conduz
Para perto dessa luz,
Que vi tuas margens do Douro!
Não sei torvo agouro,
Dentro sinto agora!
Junto à luz que fulge ali!
Outro vulto apavora
É um cadáver que eu vi!

À tona d'água boiava
Quando a onda que passava
Lhe descobria as feições;
Através das contusões
Pelas faces laceradas,
Tinha os lábios corroídos
E as órbitas cavadas
Dos olhos espavoridos!

Em pedaços o vestido
Deixa ver entumecido
O peito todo enlodado
Pelo fraguado rasgado;
E sobre o seu coração,
Que estalara de paixão,
Caro penhor se encontrou
Dessa por quem se matou.

³ Nunca publicado em livro.

.....

Na vossa lira magoada
 Pelos anjos afinada,
 A morte, que o vate chora,
 Vós já cantastes, senhora!
 Os meus versos relatam
 Como os vossos tão pungidos,
 As penas porque se matam
 Os que se matam – traídos.

Ninguém (Castelo Branco, *O Nacional*, 28 de fevereiro de 1849, p. 02).

A voz poética, segundo o título, no Cemitério do Prado do Repouso, rememora as condições nas quais o corpo de Jorge Artur teria sido encontrado. Ainda que se trate de uma descrição crua, há uma evidente relação entre os ferimentos do corpo e os sofrimentos amorosos vividos pelo rapaz, sobretudo em relação ao peito dilacerado e ao coração desvelado, sendo uma imagem frequentemente retomada pelo casal.

Contudo, a interlocução anunciada na dedicatória ocorre somente na última estrofe do poema, na qual os versos do vate que relatam as “penas porque se matam / Os que se matam – traídos” são apresentados quase como se fossem um eco da “lira magoada” de Sórora Dolores. É importante salientar que, embora se trate de recriação artística, de uma tentativa de poetização do real, marcada, muito provavelmente, pela pretensão de Camilo de chamar a atenção de uma mulher com cultura invulgar, “que recebia em casa os representantes daquela boemia delirante” (Lemos, 2003, p. 166) e que facilmente poderia inseri-lo nesse ambiente, por certo, o suicídio do jovem poeta parece ter sido um fato marcante para o escritor que,

em repetidas obras, mencionou o acontecido. Como em *Coisas leves e pesadas*, de 1867:

estavam no café Guichard António Aires de Gouveia, Adolfo Soares Cardoso e eu. Um barqueiro chegou ali dando novas dum corpo que boiava rente com o cais da Ribeira. Corremos ao ponto indicado, e reconhecemos Jorge Artur. Trajava sobrecasaca preta abotoada até ao pescoço. Entre as lapelas e o colete de caxemira escura tinha um boné de veludo preto bordado a matiz. Numa algibeira das calças tinha papéis já delidos, que deviam ser cartas da mulher amada que bordara o boné (Castelo Branco, 2017, p. 228).

Até mesmo a cena que encerra o *Amor de perdição* (2020), na qual Mariana, assim como Safo e Jorge Artur, também salta em águas profundas por conta do seu amor e nelas deixa as cartas apaixonadas trocadas por Simão e Teresa, parece ter sido inspirada por esse momento:

(...) ninguém já pôde segurar Mariana, que se atirara ao mar.
 À voz do comandante desamarraram rapidamente o bote, e saltaram homens para salvar Mariana.
 Salvá-la!...
 Viram-na, um momento, bracejar, não para resistir à morte, mas para abraçar-se ao cadáver de Simão, que uma onda lhe atirou aos braços. O comandante olhou para o sítio donde Mariana se atirara, e viu, enleado no cordame, o avental, e à flor d'água um rolo de papéis, que os marujos recolheram na lancha. Eram, como sabem, a correspondência de Teresa e Simão (Castelo Branco, 2020, p. 190).

No dia 06 de março de 1849, foi a vez de Sórora Dolores interpelar “Ninguém” com um poema de mesmo título:

No Prado do Repouso⁴

A Ninguém

No despontar da existência
Pulsar a lira tentei:
Não tenho a força do gênio,
Só brandos sons lhe tirei.

Ruidosas festas do mundo,
Novos climas, novas flores,
Deixaram no esquecimento
A lira sagrada a amores.

De prazer já fatigada,
Vim a solidão buscar,
E a lira abandonada
Quase sem cordas achar.

Uma apenas lhe restava:
Era a da melancolia;
Doce sócia da minha alma,
Mesmo na minha alegria.

Desde então mudou a essência
Trocando toda a doçura
Por amargo fel da vida,
Que a morte um bem nos figura.

⁴ Publicado pela autora em *Sóror Dolores* (1849) e em *Virações da Madrugada* (1854), antecédidos, nos dois casos, pela informação: “Por ocasião de se publicarem os versos à MORTE DO VATE, debaixo do pseudônimo de Sóror Dolores; aparecendo a esse respeito uma Poesia assinada = Ninguém =”.

Hoje só as mudas campas,
Ou a voz da tempestade,
A custo vem arrancar-me
Tristes cantos de saudade!

[...]

Um dia, que solitária
No Repouso divagava,
Ouvi um canto de morte,
Que a morte à vida chamava.

Então aos ecos pergunto,
Quem assim cantado havia...
Se era d'anjo, ou de mortal
A voz que tanto pungia!

Depois de longo silêncio
A resposta alfim me vem;
Não dos ecos... dum moimento
Sai a voz, que diz: NINGUÉM!

Sóror Dolores (Browne, *O Nacional*, 06 de março de 1849, p. 02).

É possível perceber que, desde as primeiras estrofes do texto, a voz poética revela o seu desejo de ser reconhecida enquanto escritora. Aspiração que, “Depois de longo silêncio” (Browne, 1849, p. 02), a dedicatória e a comparação presente na última estrofe do poema de Camilo parecem cumprir. A partir de então, Maria Browne estreitaria as relações literárias e pessoais com o jovem poeta, que não se furtava a dedicar os seus textos à abastada⁵ e ilustre senhora.

⁵ Como o texto dramático *O Marquês das Torres Novas* (1849), que teve a sua primeira edição dedicada a Maria da Felicidade do Couto Browne, e como o folhetim *O pajem de Aljubarrota* (1849), que traz versos de Sóror Dolores como epígrafe.

Cabe também ressaltar que a escolha do pseudônimo camiliano e os versos finais do poema de Sórora Dolores aparentam evocar o romeiro garrettiano que, em *Frei Luís de Sousa* (1844), nega a própria existência para não macular a honra de sua esposa, que já se encontrava casada com outro. No texto do drama, quando Jorge pergunta: “Romeiro, romeiro! quem és tu!”, D. João de Portugal responde: “Ninguém” (Garrett, 2004, p. 122).

Se Camilo, acobertando a autoria, inicialmente parece tentar proteger Maria Browne das especulações sobre um relacionamento com um rapaz com a fama de conquistador e dado a amores escandalosos, no dia 22 de março de 1849, aproveitando a atenção que o caso começava a receber, ao mesmo tempo em que dela zombava, o escritor começa a publicar um folhetim intitulado *Eu e a tal*⁶:

eu quem é? – Ninguém o saberá, porque nem eu mesmo sei quem sou. Creio que vivo, porque sofro. Torço-me ao vergar de uma dor: – mas quem sabe se vivo? O arbusto também se torce ao perpassar do furacão... – serei eu um vegetal? Os minerais detonam-se e pulverizam-se em presença d’um corpo... serei eu uma pedra? Se não vivo, pelo menos – cresço; se não cresço – decomponho-me; seja o que for – há em mim uma ação.

Quem é a tal? Não posso responder. Não é querubim, nem serpente, nem demônio. Uns chamam-lhe mulher (...). (Castelo Branco, *O Nacional*, 22 de março de 1849, p. 01).

Respondendo ao narrador de *Eu e a tal*, em 18 de abril de 1849, Sórora Dolores dedica um poema ao seu eco:

⁶ Nunca publicado em livro.

A um eco⁷

Arvoredo centenário,
De romântica soidão,
Onde, livre de opressão,
Pode meu pranto correr,
Sem ninguém vir conhecer
Do meu desgosto a razão...

[...]

‘Eu amei como se amam
No céu os anjos d’amor;
Como a inocente flor,
Que só tem uma afeição;
E tão fiel coração
Teve a sorte d’um traidor!’
Oh! céus que grata surpresa!...
Senti um eco acordar...
A minha voz imitar...
E quando eu disse... traidor,
Repetir com mágoa... dor...
Qual suspirei, suspirar!

Vou de novo exp’rimentar
Do rochedo esta magia;
Esta voz de simpatia,
De novo desafiar;
Quero de novo gozar
Minha própria melodia.

[...]

Sóror Dolores (Browne, *O Nacional*, 18 de abril de 1849, p. 02).

⁷ Publicado pela autora em *Sóror Dolores* (1849) e em *Virações da Madrugada* (1854) com o título alterado para “O eco”.

A voz poética se revela atravessada pela opressão e por uma amargura íntima que somente um semelhante poderia entender. Novamente, Sórora Dolores estabelece um diálogo intertextual com a mitologia e, uma vez mais, inverte os gêneros. Se Jorge Artur foi comparado a Safo, agora ela própria se aproxima de Narciso, que “quase a morrer, dirige as suas últimas palavras às árvores que o rodeiam e neste longo monólogo ele foca todo o seu desgosto pela paixão que o dominou, sem poder atingir o objecto dessa mesma paixão” (Veloso, 1976. p. 168). Contudo, se, nos mitos, Eco não pôde salvar Narciso, no poema de Sórora Dolores, o sofrimento eco camiliano a faz sentir-se revigorada para “de novo gozar” de sua “própria melodia”.

Camilo, embora se valesse da vassalagem amorosa como forma de expressão literária do seu flerte poético, que, por si só, naqueles idos, era um lisonjeiro triunfo, parece não ter gostado de ver os seus poemas reduzidos a ecos da produção literária de mulher. As numerosas queixas e o excessivo despeito expressos em “Reneguei!!!”, publicado em 30 de abril de 1849, parecem ser um bom exemplo disso:

Reneguei!!!⁸

Não é sonho – não! Eu sinto,
 Dentro n’alma; o ódio extinto,
 Que a mulher já consagrei!
 Amo muito! Reneguei,
 Sucumbi tão fragilmente!
 Combateram-me de frente
 Esse orgulho de descrente...
 Não sou nada! fui dobrado
 Como o vime curvado
 Pela rajada potente.

⁸ Nunca publicado em livro.

Cético! Que é do teu brio?
Onde está esse alvedrio
Com que domavas paixões?
Que é do fel dessas canções
Todas fogo! morte! horror!
Repasadas de rancor?..
A mulher que condenavas.
É que, feroz, maltratavas
Porventura, trovador.
Inspirou-te agora amor?!

[...]

Mulher! Se me não amas, ilude-me.
Esse véu de mistérios, que me revocou à vida das sensações suaves,
não o rasgues. Quando te vier um sorriso de ironia, reprime-o. –
Antes nunca mais te ver, que ver-te o sorriso de um momento.
Antes longe de ti, com todas as lisonjas da minha fantasia, que
acabar com todo este ser novo agora vivo desengano de um ins-
tante (Castelo Branco, *O Nacional*, 30 de abril de 1849, p. 01-02).

O sujeito poético, afirmando estar completamente subjugado pela mulher amada, aparenta desejar mais do que uma troca literária. O prestígio social e a influência intelectual que Maria Browne desfrutava eram as distinções que Camilo almejava, mas para também usufruir desses capitais simbólicos era preciso que aquela conquista amorosa se tornasse pública. Em “A Rosa das Campas”, publicado em 07 de maio de 1849, o tom se altera ligeiramente, sendo possível perceber o total abandono do estado de submissão:

A Rosa das Campas

No Prado do Repouso

Colhi uma rosa entre as campas
 Na vala dum cemitério,
 Stava tão viva entre os mortos...
 Tão viçosa...! – era um mistério!

Fui sentar-me à torva sombra
 Do cipreste sepulcral;
 Levei comigo a florinha
 Que roubei ao seu rosal.

[...]

(Castelo Branco, *O Nacional*, 07 de maio de 1849, p. 02).

A conquista erótica, embora insinuada, é pela primeira vez perceptível. Através da delicada metáfora da rosa colhida, a voz poética sugere a posse da mulher amada. Embora, para os leitores do século XXI, essa dicção possa soar estranhamente singela, naquele momento de produção, era bastante comum que, em relação à atração física ou à realização do ato sexual, as parceiras amorosas fossem frequentemente comparadas ou representadas em atraentes borboletas, em indiscretas abelhas, em ruidosas pombinhas ou em frágeis flores.

A sugestão não fica sem uma pronta resposta. Parecendo refutar o erotismo insinuado pelo poema de Camilo, em “À Rosa da Campa”, publicado no dia 16 de maio de 1849, Sórora Dolores não nega o envolvimento, mas o reveste de uma aura de pureza ao mencionar a festa de Salency, na qual, até a atualidade, uma jovem é escolhida por suas virtudes (entre elas, a virgindade) para coroar as celebrações do pequeno povoado francês:

À Rosa da Campa⁹

(No Prado do Repouso)

Que bela e cândida rosa,
Tão singela, e tão formosa!
Inda ontem brandas auras
A beijaram em botão,
E já na campa, cortada,
A depôs saudosa mão!

[...]

Não trará pungente espinho!
Ondulando em seu raminho,
Há de o ar embalsamar
De seu hálito d'amor;
Há de cantos de magia
Inspirar ao trovador.

E quando o tempo correr,
Neste sítio se há de ver
A festa de Salency,
Tão moral, e tão pomposa;
E o prêmio da virtude
Há de ser da campa a rosa!

Sóror Dolores (Browne, *O Nacional*, 07 de maio de 1849, p. 02).

Inconformado com a resposta, em 19 de maio, Camilo publica um poema dedicado a Carlos Alberto, rei da Sardenha, que, após ter sido derrotado pelo exército austríaco em Novara, exilou-se naquele ano

⁹ Publicado pela autora em *Sóror Dolores* (1849) e em *Virações da Madrugada* (1854).

no Porto¹⁰. A informação, aparentemente falsa, de que o texto teria sido escrito no álbum de Maria Browne aparenta ser mais uma manobra para revelar quem seria a autora dos versos de Sórora Dolores e para dar total publicidade ao pretense caso amoroso:

Carlos Alberto¹¹

(No Álbum da Exma. Sra. D. Maria da Felicidade de Couto Browne.)

RESTAM só à minha lira
 Duas cordas, duas só:
 Uma – a d’amor, que suspira,
 Tem um som, que a dor lhe tira,
 Chora, às vezes, que faz dó!
 Outra – a do bardo que implora,
 Mais amor, aos reis d’agora
 Mais amor, mais caridade
 Pra este povo que chora
 A perda liberdade.

[...]

(Castelo Branco, *O Nacional*, 19 de maio de 1849, p. 01).

Folheando o belo livro de capa verde, que atualmente faz parte do acervo da Biblioteca Municipal do Porto, é possível encontrar textos

¹⁰ No dia 29 de julho de 1849, Carlos Alberto morreu na Casa da Quinta da Macieirinha, atual Museu Romântico. O seu corpo foi depositado no claustro gótico da Sé do Porto, na Capela de São Vicente, e depois foi levado para Turim a bordo do Mozambano, navio de guerra italiano.

¹¹ Nunca publicado em livro pelo autor, mas recolhido por Artur Duarte e Sousa Reis em *Poesias Dispersas*: Camilo Castelo Branco, em 1913.

de quase todos os escritores que interessavam naquele momento. Há autógrafos de Almeida Garrett, de Alexandre Herculano, de Luís Palmeirim, de João de Lemos, de Gomes Leal, de Bulhão Pato, de Faustino Xavier de Novaes etc., mas não há texto algum assinado por Camilo.

Figura 3 – Álbum de Maria Browne



Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal do Porto.

Ademais, o escritor que não hesitou em ter seu nome elencado, mesmo que através de um ardil, nessa lista de figuras reconhecidas, parece, ao falar de amores e reis, ter se inspirado no poema¹² do autor de *Folhas caídas* (1853) que, de fato, abre o álbum:

É lei do tempo, Senhora,
Que ninguém domine agora
E todos queiram reinar.
Quanto vale nesta hora
Um vassalo bem sujeito,
Leal de homenagem e preito
E fácil de governar?

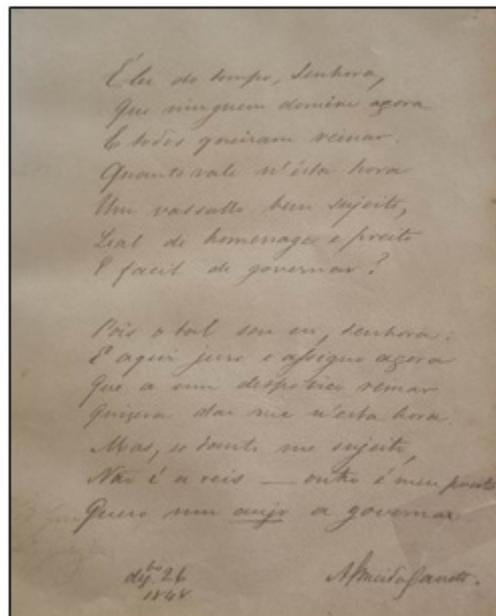
¹² Poema publicado, com algumas alterações, por Almeida Garrett nas *Folhas caídas*, com o título de “Preito”.

Pois o tal sou eu, Senhora:
 E aqui juro e assino agora
 Que a um despótico reinar
 Quisera dar-me nesta hora,
 Mas, se tanto me sujeito,
 Não é a reis! – outro é meu preito:
 Quero um anjo a governar.

Almeida Garrett

26 de dezembro de 1848 (Garrett, 1848, p. 1).

Figura 4 – Autógrafo de Almeida Garrett



Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal do Porto.

No entanto, talvez por remorsos ou por receio de uma contenda mais séria, no poema seguinte, Camilo parece ter dado um passo atrás. No dia 24 de maio, o escritor publica “Uma recordação”, na qual o sujeito poético procura defender a ideia de que o amor dedicado à Sórora Dolores excluía a realização física. Ele ainda ressalta que a mulher com quem trocava versos não era sua, mas, ainda as-

sim, não havia traição, afinal tudo aquilo não passava de uma ilusão, de uma performance ficcional:

Uma recordação¹³

[...]

Mulher, decerto, não era
A que então chamava *minha!*
Como a fada, que descera
Aqui à terra, sozinha,
Trouxe uma harpa do céu,
Soltou cânticos d'amor
Envolta a face no véu
Dos mistérios do Senhor!
Alta noite, vi-a eu
Gemer na harpa uma dor!

Eu poeta era também!
Então, sim – aqui no peito,
Como não tive ninguém
Tinha aos que gemem respeito.
Eu sonhara uma paixão,
Não sonhara uma *mulher!*
Mulher, não, porque traição
Faz-me a pena tremer...
Sonhara uma ilusão,
E iludir-me até morrer!

¹³ Nunca publicado livro pelo autor, mas recolhido por Artur Duarte e Sousa Reis em *Poesias Dispersas*: Camilo Castelo Branco, em 1913.

Ouvi-lhe os cantos d'amor,
 Eu não cantara melhor
 As torturas de uma dor!
 “Donde vens, harpa divina?!”
 Vens cantar a minha sina,
 A sina do trovador?”

[...]

(Castelo Branco, *O Nacional*, 24 de maio de 1849, p. 01-02).

No dia 31 de maio, publicando pela primeira vez na primeira página d'*O Nacional*, foi a vez de Sórora Dolores fazer um balanço com “Estava triste”. Buscando romper com a noção de total semelhança com Camilo, em seus versos, ela aponta como a sua sensibilidade poética, marcada pela multiplicidade do sujeito, não encontrava eco na produção de homem algum de seu tempo, ainda que empregue a metáfora do peito rasgado, presente no poema assinado por Ninguém, para falar de sua decepção:

Estava triste¹⁴

[...]

Essa vida de mil corações,
 Que o destino no meu fez pulsar,
 Como há de, no peito do homem,
 Um sentir, qual o meu encontrar?

[...]

¹⁴ Publicado pela autora em *Sórora Dolores* (1849) e em *Virações da Madrugada* (1854).

Arrastada do som, que lhe ouvi,
Já 'squecida de amor delirava!...
Mas tornando a mim!... oh meu Deus!...
Ai!... que dor o meu peito rasgava!

Sóror Dolores (Browne, *O Nacional*, 31 de maio de 1849, p. 01).

Em 08 de junho, Camilo responde em “Chorar e sorrir”. Interessante perceber que a sucessiva repetição de imagens, de versos e de vocábulos restituem a noção do eco. Não somente ele também retoma a expressão do peito rasgado para responsabilizar as desgraças que viveu por sua insensibilidade e ingratidão, como também se vale do título do poema de Sóror Dolores para afirmar que a mulher que o adorava estava triste com o seu comportamento. Reafirmando, ainda, a sua admiração e o seu amor pela parceira, divergindo do que ocorre em “Estava Triste”, o sujeito poético, quando acorda do sonho, encontra justamente o que sempre procurou:

Chorar e sorrir¹⁵

[...]

As desgraças, que passaram,
Tanto o peito me rasgaram,
Que, de grato, me tornaram
Um ingrato a quem me quer!
Há no mundo quem me adora
Quem 'stá triste a esta hora,
Quem as minhas mágoas chora
Com ternura de mulher!

¹⁵ Nunca publicado em livro pelo autor, mas recolhido por Artur Duarte e Sousa Reis em *Poesias Dispersas*: Camilo Castelo Branco, em 1913.

Essa, sim! ... existe, existe,
 Como tu, homem, não viste,
 Nem sonhaste, ou presentiste
 A mulher, que é meu conforto!
 Vinte e três anos sonhei,
 Destes sonhos acordei,
 Via-a aqui, perdido, a amei,
 Hei de amá-la vivo ou morto! (Castelo Branco, *O Nacional*, 08 de
 junho de 1849, p. 01).

Para dar a sua resposta a “Chorar e sorrir”, Sórora Dolores, em 20 de junho, publica “Chorar e morrer”. Nele, ela assume o papel de Eco para repetir, com certa ironia, o perdão que o amado lhe teria dado, ainda que ela não quisesse deixar a sua posição de “burguesa, rica, estimada, altamente colocada, mãe de família e esposa honesta”, para viver aquele relacionamento que era em tudo impróprio para aquele mundo:

Chorar e morrer¹⁶

Era noite!... alvo fantasma
 A doce lua encobria...
 Apenas frouxo clarão
 Nas águas se refletia;
 Qual da cruz pendente lume,
 Que o cemitério alumia!

Avulta mais entre as sombras
 Um rochedo alcantilado;
 A seus pés vai manso o Douro
 Depor-lhe um beijo humilhado;
 E depois, como pungido,
 Corre ao mar arrebatado.

¹⁶ Publicado pela autora em *Sórora Dolores* (1849) e em *Virações da Madrugada* (1854).

Ai que vozes, que saíam
Desse peito atribulado!
Vivo amor arde, cintila
No coração calcinado!
Era amante, era mulher! ...
Tem seu crime perdoado!...

[...]

(Browne, *O Nacional*, 20 de junho de 1849, p. 02).

Evidentemente que a ironia de Sórora Dolores incomodou Camilo, que, na recusa da amada, só viu humilhação. Em “Há três anos”, publicado em 27 de junho, o sujeito poético acusa a “sua linda ingrata” de desprezá-lo devido à sua origem e à sua posição social, não se furtando de, para ela, bradar a sua sentença: “FOSTE FALSA ATÉ MATAR/ FUI AMANTE ATÉ MORRER!”

Há três anos¹⁷

[...]

Eu, mulher! não te maldigo
Nesta dor do desamparo;
Foste ingrata, alguém mais digno
A teus olhos foi mais caro!...
Não te culpo, não; fui eu,
Que meus olhos pus no céu,
E em mim não fiz reparo...

¹⁷ Nunca publicado em livro pelo autor, recolhido por Artur Duarte e Sousa Reis em *Poesias Dispersas*: Camilo Castelo Branco, em 1913.

Eu nascera em pobres faixas,
 Onde os ricos cospem fel;
 Que me deram pais honrados?
 – Honra... aqui... não é laurel!
 Oh! deles eu a herdara,
 Com justiça te culpara
 Mundo ingrato, mau, cruel!

Com as lágrimas em fio
 Pelo face envergonhada
 Te diria, linda ingrata,
 Não tens honra, não tens nada!”
 Não cores, que eu não to digo,
 Sei pensar... calar comigo
 sentença à condenada...

[...]

Vou de rastos nesta vida,
 Sobre espinhos a gemer.
 Vai soar hora extrema
 Deste acerbo padecer!
 Então, sim... quero bradar:
 FOSTE FALSA ATÉ MATAR
 FUI AMANTE ATÉ MORRER! (Castelo Branco, *O Nacional*, 27 de
 junho de 1849, p. 01).

A confissão da paixão que a teria arrebatado, o seu “já morto coração” e a frustração resultante do fim desse encantamento se adensam em “Melancolia”, poema publicado por Sórora Dolores no dia 09 de julho de 1849. Como Esther de Lemos pontua, a consciência, “mais ou menos clara, mais ou menos diluída, mas profunda e sincera” (2003, p. 176), de que aquela experiência foi por ela elevada ao nível da irrealidade, tornara ainda mais duro o seu despertar:

Melancolia¹⁸

[...]

Salvei a meta da vida,
Deste vago em que se lida;
E n'alma, duma ilusão
Veio a esperança renascer,
E senti... senti bater
O já morto coração!...

Tudo era luz e rizo
No ideal paraíso
Da minha imaginação;
É que ali não vêm as dores,
Nem os profanos amores,
Manchar a pura afeição!

Acordei desta magia,
Já a 'strela d'alva se via
Sobre o polo a cintilar;
Volvi ao mundo real;
E achei risonho o mal,
E a virtude a chorar!

Sóror Dolores (Browne, *O Nacional*, 09 de julho de 1849, p. 02).

Anunciando que, para ele, a troca até ali travada estava por terminar, no dia 27 de julho, Camilo publica a penúltima página do livro íntimo de seu amor. Aproveitando a metáfora da estrela que guia o

¹⁸ Publicado pela autora em *Sóror Dolores* (1849) e em *Virações da Madrugada* (1854).

caminho do viajor, ele, finalmente, declara que Sórora Dolores era a sua mestra, a sua mártir, a sua vítima, “a mais ardente heroína do seu escândalo literário”, mas sua mulher, não:

(A penúltima página do meu livro íntimo)¹⁹

[...]

Quem és tu? Criou-te um sonho
Do poeta a esvoaçar
Por esse mundo risonho
Onde o viver é gozar?
És a essência d'alva estrela,
Que, no deserto, revela
Um caminho ao viajor?
És a expressão da vida,
Que ficaste aqui perdida
Quando Deus falou d'amor?

Perguntei; ninguém mo disse...
Tu não tens um nome aqui!...
Fora mudo quem te visse,
Se te vira, como eu vi!
Quem te vê – sente que a vida
Vai de dor ser comprimida
Nos tormentos da paixão!...
Quem és tu? – ergue esse véu;
És um segredo do céu
Serás tudo – mulher, não!

(Castelo Branco, *O Nacional*, 27 de julho de 1849, p. 02).

¹⁹ Nunca publicado em livro pelo autor, mas recolhido por Artur Duarte e Sousa Reis em *Poesias Dispersas*: Camilo Castelo Branco, em 1913.

Parecendo estar satisfeita com o reconhecimento de sua posição como escritora e como mestra de Camilo, no dia 28 de agosto, Sórora Dolores publica “A imaginação”. Usando como epígrafes os versos de *Flores sem fruto*, novamente mostrando a sua filiação garrettiana, ela comenta que ser poeta e ter a alma palpitando pelo prazer da criação eram as suas únicas ambições:

A imaginação

*Veloz imaginar, nas asas tuas
Eis-me librado!... pelos ares vago,
E os espaços vingo d'alongados mares,
Desço à terra, e poiso...
GARRETT – Flores sem fruto.*

Vou sagrar a minha lira,
Que só pranteia, e suspira,
À ardente imaginação!
Ah! se o gênio me fadara,
Ninguém mais alto voara
Nas asas duma canção!

Mas eu não sei descrever
O seu mágico poder!
Que importa seja ilusão,
Se o prazer, que faz sentir,
Se a pena, que faz pungir,
Nos dá real sensação!

[...]

Sórora Dolores (Browne, *O Nacional*, 28 de agosto de 1849, p. 02).

No segundo semestre de 1849, a troca poética travada por Camilo e Maria Browne perde a frequência. Em 04 de outubro, o escritor publica “A harpa do cético”, no qual o sujeito poético, sem ter quem lhe “que(ira) amizade, ou “afag(ue) a paixão”, reflexivamente, em diálogo consigo mesmo, ordena que, mais uma vez, o poeta rasgue o peito, talvez, na busca de um novo amor:

A harpa do cético²⁰

Poeta! que és tu na terra
 Sem o amor, sem a fé?
 Lutar, descrido, na guerra
 das paixões, que glória é?!
 Voas num vasto deserto,
 Rasgas o peito, e, aberto,
 Mostras um bom coração...
 Ninguém te crê na bondade,
 Ninguém te quer a amizade,
 Ninguém te afaga a paixão (Castelo Branco, *O Nacional*, 04 de outubro de 1849, p. 01-02).

Camilo volta a publicar “A harpa do cético” no jornal lisboeta *A Semana*, em 1851, com o subtítulo de “Derradeira corda da lira”, significando que o poema era o derradeiro capítulo daquela história de amor. Na crônica que acompanha o poema, Camilo ainda comenta:

[...] é certo que outra mulher havia aí no mundo tão fascinadora, tão déspota de seus encantos e da sua posição social, que eu, réptil orgulhoso, ousei erguer-me do rasto de seus pés, para guindar-me à altura de seu voo de anjo.

²⁰ Publicado pelo autor em *Inspirações* (1851), com o subtítulo de “Derradeira corda da lira”.

Essa mulher... ouviu-me... Deverei escrever aqui uma verdade amarguradíssima que a consciência me diz?... Amou-me...

[...] Quem sabe se este livro será todo *dela* e para *ela*? É o meu segredo, sacrossanto como o mistério da hóstia e do cálix. (Castelo Branco, *A Semana*, 1851, p. 287).

Após a publicação do poema “A imaginação”, Sórora Dolores não volta a responder os poemas de Camilo em 1849. Depois de prantear o traslado dos restos mortais de Carlos Alberto da Sardenha, em 19 de setembro, ela só rompe o silêncio para participar do galante torneio romântico no qual damas e cavalheiros se dividiam entre a bandeira da rosa branca e a da rosa encarnada, com “Ainda a rosa branca!”, publicado em 18 de dezembro:

Ainda a rosa branca²¹

Á gloria! eis a bandeira, trovadores,
Da rosa branca em débil mão alçada!
Defendei-a, esforçados cavaleiros;
A guerra é declarada!

Rosa branca, quem te vê,
Se não tem fé, logo crê,
Que no céu tiveste origem:
No jardim do criador,
Enxertou-te anjo d'amor
No seio da meiga virgem.

[...]

Sórora Dolores (Browne, *O Nacional*, 18 de dezembro de 1849, p. 01).

²¹ Publicado pela autora em *Sórora Dolores* (1849) e em *Virações da Madrugada* (1854).

Camilo, porém, continuou a publicar suas provocações. Sobre o poema “A uns anos”, que dividiu a mesma página de “Ainda a rosa branca!”, Alexandre Cabral comenta que se trata de “uma poesia em que o (suposto) enamorado se lamenta da falta de coragem da mulher amada em rejeitar a abundância que lhe ofereceram” (Cabral, 1988, p. 126):

A uns anos²²

[...]

És um anjo, mulher, que a tua sina
 Foi no mundo sofrer desde menina...
 Escrava duma lei...
 Não viveste pra ti; – douraste a vida
 De quem ta não dourou!... eras nascida
 Pra mim... que te adorei.
 Divina, sem rival, alma grandiosa,
 Deveras ter calcado, de orgulhosa,
 As ofertas dum rei (Castelo Branco, *O Nacional*, 18 de dezembro de
 1849, p. 02).

No início de 1850, acirram-se as lamúrias camilianas, como em “Desalento”, publicado em 08 de janeiro, no qual ele parece cobrar de sua interlocutora os sofrimentos do coração insatisfeito, a vida gasta com aquela paixão sem fruto, a indiferença daquela a quem ele promete, ainda sim, manter sigilo:

Desalento²³

²² Publicado pelo autor em *Inspirações* (1851).

²³ Nunca publicado em livro pelo autor, mas recolhido por Artur Duarte e Sousa Reis em *Poesias Dispersas: Camilo Castelo Branco*, em 1913.

[...]

Mulher! a maldição roçou-me os lábios –
Desprendê-la – não pude! Eu, submisso,
Debaixo de teus pés pedi um asilo...
Que me deves tu mais? Desprezo apenas
Ao humilde réptil, que ousa estorcer-se
Na dor que o dilacera! Em surdo pranto
Meus queixumes calei: – inútil fora
Cair aos pés do algoz o padecente,
E lágrimas d'amor verter no ferro
Ceifador da 'sperança! É do destino
A ímpia mão que o berço me há travado,
E à morte me conduz a pouca vida,
E essa gasta nas paixões sem fruto.
Eu queixar-me de ti!... Não pode o homem
Com lágrimas comprar carícias d'anjos;
Mas deixem-no gemer, se não tem culpa
Nem remorsos. Perdão, se o triste o implora,
Não lho negue a mulher, que, caprichosa
Na mente lhe inflamou a luz da esp'rança,
Que, na ânsia do porvir, lhe doura os sonhos.

Mulher! chorei sozinho, aqui esquecido,
Noites eternas, longe de teus olhos,
Aqui, no isolamento dum alvergue,
[...]

Mulher, não pude

Amaldiçoar-te ainda! Meus tormentos
Não foram ao salão de teus folgedos
Privar-te dum prazer, cerrar-te os lábios
À jura d'outro amor – manhã perjuro.
Se teu nome gravei naquele tronco,

Não tremas – é mistério insondável
 Que o tronco não dirá: – se ofensa, ó anjo,
 Te fez a mão que, audaz, gravou teu nome
 Da morte a fria mão nela te vinga! (Castelo Branco, *O Nacional*, 08
 de janeiro de 1850, p. 01).

Completamente descrente de qualquer promessa feita por seu insolente galanteador, que após a exposição às más-línguas, mais tarde, ainda lhe sujeitaria a vergonha e a dor de vê-lo em um duelo com o seu querido filho, Sórora Dolores é quem passa a assumir a postura da cética em relação ao amor. Em 11 de maio de 1850, Sórora Dolores parece definitivamente pôr um fim naquela aventura, publicando “Quero”, no qual a aproximação do título e da conclusão revelam o paradoxo de suas emoções:

Quero²⁴
 [...]

Impossível, sei que o é,
 Que perdi do mundo a fé
 Cética de coração,
 Rio-me de quando ria;
 Desse riso d’ironia
 Minha única expressão.

Sórora Dolores (Browne, *O Nacional*, 11 de maio de 1850, p. 01).

À altura, Camilo retira-se para Lisboa e entrega-se ao trabalho como romancista, publicando *Anátoma* em 1851. Ainda em 1851, segundo Alexandre Cabral, iniciaram-se os rumores de que o escritor

²⁴ Nunca publicado em livro.

se teria envolvido com Isabel Cândida Vaz Mourão, freira do Mosteiro de São Bento de Avé-Maria, a religiosa que, factualmente, abriu e exerceu a função de preceptora de Bernardina Amélia, filha de Camilo com Patrícia Emília. Essa situação teria sido denunciada por João Augusto Novais Vieira, o Novais de Óculos, em carta aberta publicada no jornal *A Pátria*, no 21 de janeiro de 1851:

Amigo N. – Desculpa que te não fosse visitar à cadeia. Estive de cama uns poucos de dias. – Saberás que o Lombrias²⁵ se vai tornando um cavalheiro industrial de sorores. Suponho que aquela soror, que nós sabemos, já não pinga tanto como dantes, e por isso o homem voltou-se agora para outra sóror... sóror verdadeira, porque é na verdade enclausurada. – Peço-te a publicação do seguinte epigrama no primeiro folhetim que sair, e, além disso, te recomendo uma zurzidela, couzinha da tua mão. – Todo teu... (Vieira, *A Pátria*, 21 de janeiro de 1851, p. 02).

Com o fim da correspondência, e talvez do flerte amoroso, Maria Browne também abandona as publicações n’*O Nacional*. Para Jacinto do Prado Coelho, o estro da poetisa foi esmorecendo ao passo que a mulher conseguia recalcar o amor infeliz (1965, p. 40). “Em 1851, escreve o ‘Adeus à lira’, em que diz retomar o caminho do dever” (Coelho, 1965, p. 40):

Adeus à lira

Triste lira que adoçaste
Da minha dor a agonia,
Quando as vozes me guiaste
Nos caminhos d’harmonia,
Convertendo amargo pranto

²⁵ Pseudônimo de Camilo.

Em sentido, e doce canto,
 Que me dava alento assim:
 Desgraçada! porque choras?
 ‘Não vês tu voar as horas
 Que te levam ao teu fim?’

[...]

Mas tudo é força perder
 Antes de perder a vida;
 Esta alma devo ter
 Numa rocha convertida,
 Que é muda... mas soberana;
 Que é dura... mas não tirana;
 Sinto o pranto ... choro... adeus
 Extremo alívio de meus ais!
 Ah! ninguém ouvirá mais
 Nem teus sons, nem cantos meus! (Browne, 1851, p. 221-223).

Para Camilo, aquele era apenas o início de sua carreira de temido polemista, de arguto observador de seu tempo, de romancista pro-
 fícuo capaz de produzir as suas líricas e comoventes narrativas, ao
 mesmo tempo em que abusava da ironia para abordar limitações,
 interposições e hipocrisias sociais. Na vida íntima, o envolvimento
 com Maria Browne também parece ter sido um ensaio, o escritor
 ainda viveria, de fato, um caso de infidelidade conjugal de conheci-
 mento público e, justamente por isso, escandaloso, com a sua mu-
 lher fatal, Ana Augusta Plácido.

Contudo, por alguns relatos deixados em crônicas e por certas pas-
 sagens de seus romances, é possível afirmar que esse momento foi
 bastante relevante para o desenvolvimento da obra e inesquecível
 para Camilo, que, ainda em 1869, escrevia poemas para o amor de
 sua juventude:

Minha doce ilusão de há vinte anos,²⁶
Te ainda agora te vejo, inda te adoro!
Como eu te amava! E não ousei dizer-to;
Corava então como inda hoje coro!

És bela como então; os mesmos olhos
Fulgurantes d'amor q(ue) então te vi.
Vinte anos são já idos! (Ó saudade!)
Que importa q(eu) eu te amo?... envelheci!

Ninguém

Foram feitos pelo Camilo Castelo Branco
No hotel dos dous amigos em
Braga em julho de 1869
João Manoel Pereira

Nas proximidades das comemorações do bicentenário de Camilo, recuperar e analisar essa troca parece ser de total relevância não apenas devido ao seu valor documental e histórico, mas sobretudo pela sua importância para a compreensão da atmosfera cultural e artística que, certamente, influenciou a produção de um dos maiores nomes da Literatura Portuguesa. Essa também é uma possibilidade de retomar e dar visibilidade à obra de Maria Browne, quase invisibilizada pelo seu envolvimento passional com o escritor, mas que deixou um legado marcado pela beleza impalpável tanto de suas imagens, como por sua escrita poética.

RECEBIDO: 12/07/2024

APROVADO: 09/08/2024

²⁶ Poema autógrafo escrito por Camilo Castelo Branco em um cartão de João Manoel Pereira, assinado por “Ninguém”, pseudônimo com o qual o escritor assinou o poema dedicado a Maria Felicidade Browne. Parte integrante do acervo da Biblioteca Municipal do Porto.

REFERÊNCIAS

- BROWNE, Maria da Felicidade do Couto. *Sóror Dolores*. Porto: Granda & Filhos, 1849.
- BROWNE, Maria da Felicidade do Couto. *Virações da Madrugada*. [s.l.]: [s.n.], 1854.
- CABRAL, Alexandre. *Dicionário de Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Editorial Caminho, 1988.
- CABRAL, António. *Camilo de perfil: traços e notas, cartas e documentos inéditos*. Lisboa: Bertrand, 1914.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *A mulher fatal*. Porto: Parceria Antónia Maria Pereira, 1902.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *Amor de perdição*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2020.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *Amor de perdição*. Porto: Casa de Viúva Moré, 1862.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *Cartas de Camilo Castelo Branco a Tomás Ribeiro*. Lisboa: Portugália, 1922.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *Coisas leves e pesadas*. [s.l.]: Edições Vercial, 2017.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *Inspirações*. Porto: Tipografia de José Gonçalves Bastos, 1851.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *Memórias do cárcere*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2001.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *O Marquês de Torres Novas: Drama em cinco actos e um epílogo*. Porto: Tipografia do Nacional, 1849.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *O romance dum homem rico*. Tipografia da Revista: Porto, 1861.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *Poesias dispersas*. Recolhidas por Artur Duarte e Sousa Reis. Porto: [s.n.], 1913.
- COELHO, Jacinto do Prado. *Poetas do romantismo*. 1. vol. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1965.
- GARRETT, Almeida, *Frei Luís de Sousa*. Porto: Caixotim, 2004.
- LE MOS, Esther. *Estudos portugueses*. Porto: Porto Editora, 2003.

MOUTINHO, José Viale. *Camilo Castelo Branco – Memórias fotobiográficas (1825-1890)*. Alragide: Editorial Caminho, 2009.

PIMENTEL, Alberto. *Os amores de Camilo*. Lisboa: Empresa Literária Lisbonense, 1899.

VELOSO, Aida. O mito de Narciso na poesia portuguesa contemporânea. *Humanitas*. Volumes 27-32. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1976.

MINICURRÍCULO

ANDREIA ALVES MONTEIRO DE CASTRO é Professora Adjunta de Literatura Portuguesa e de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ (2019). Pós-doutoranda pela Universidade de São Paulo (USP) sob a supervisão do Professor Doutor Mário Lugarinho (2023-2024). Colíder do grupo Pesquisas Literárias Luso-Brasileiras (UERJ/Real Gabinete Português de Leitura). Membro do Grupo de Pesquisa Camilo Castelo Branco (CNPq). Membro associado ao Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Pesquisadora da Cátedra Almeida Garrett (UERJ).